

## OPINIÃO

## De quem é a culpa da crise financeira internacional?

Fotos: REGINA VOGT



**Adair da Silva Ilha, 63 anos, prof. do Departamento de Ciências Econômicas.**

“A gente poderia dizer que a culpa é do próprio sistema capitalista. O sistema econômico internacional vem sofrendo transformações desde a década de 80, com a questão da globalização financeira. O sistema capitalista tem dado maior oportunidade de ganhos na questão financeira do que a própria questão produtiva, então esse parece que é o grande culpado. O que eu vejo é que o sistema capitalista depois da globalização, principalmente nos países centrais, onde existe uma crise de subconsumo. O sistema criou uma capacidade produtiva pelas novas tecnologias muito superior às necessidades de consumo desses países centrais. E com isso há uma dificuldade de buscar rentabilidade pela via produtiva. Então, o que fazem com esses excedentes de capital? Eles vão buscar ganhos pela via financeira. Hoje, o capital financeiro é muitas vezes superior ao capital produtivo. O que não é uma coisa certa. O ideal é que o valor do capital físico fosse igual ao valor do capital financeiro, pois essa é a lógica do capital. Atualmente, o capital financeiro é infinitamente superior ao capital produtivo. Então, essa possibilidade de obter ganhos na via financeira é que dá esta instabilidade que nós temos hoje. Ganhos em papéis, títulos, e uma volatilidade muito grande do sistema capitalista atual. A entrada e saída de capitais dos diversos países, isso é que traz instabilidade grande. Então, a responsabilidade pela crise é do próprio sistema”.

“A gente poderia dizer que a culpa é do próprio sistema capitalista. O sistema econômico internacional vem sofrendo transformações desde a década de 80, com a questão da globalização financeira. O sistema capitalista tem dado maior oportunidade de ganhos na questão financeira do que a própria questão produtiva, então esse parece que é o grande culpado. O que eu vejo é que o sistema capitalista depois da globalização, principalmente nos países centrais, onde existe uma crise de subconsumo. O sistema criou uma capacidade produtiva pelas novas tecnologias muito superior às necessidades de consumo desses países centrais. E com isso há uma dificuldade de buscar rentabilidade pela via produtiva. Então, o que fazem com esses excedentes de capital? Eles vão buscar ganhos pela via financeira. Hoje, o capital financeiro é muitas vezes superior ao capital produtivo. O que não é uma coisa certa. O ideal é que o valor do capital físico fosse igual ao valor do capital financeiro, pois essa é a lógica do capital. Atualmente, o capital financeiro é infinitamente superior ao capital produtivo. Então, essa possibilidade de obter ganhos na via financeira é que dá esta instabilidade que nós temos hoje. Ganhos em papéis, títulos, e uma volatilidade muito grande do sistema capitalista atual. A entrada e saída de capitais dos diversos países, isso é que traz instabilidade grande. Então, a responsabilidade pela crise é do próprio sistema”.

**Jéferson Andrade Fagundes, 36 anos, Mestre em Integração Latino-Americana.**

“No meu ponto de vista a culpa da crise financeira internacional é a desregulamentação financeira, a corrupção no sistema político americano que permitiu esse descontrole na liberação do crédito imobiliário, e a grande bolha na bolsa de valores. Então, qualquer crise arrebatada todos de uma maneira geral”.



**Felipe Lopes Miranda, 23 anos, acadêmico do Curso de História.**

“A culpa da crise financeira internacional é de todo um conjunto armado; é toda uma estrutura de poder. Temos que ver quem armou essa estrutura. Com certeza foram os antigos governos dos Estados Unidos, pós-segunda guerra mundial, que acabaram dominando, se tornando um bloco hegemônico. A partir de então, eles implantaram uma cultura de massa, baseada no capitalismo, que montou toda essa rede, e os demais países seguiram essa lógica. Agora essa crise está formada pela semente que os Estados Unidos plantaram”.



“A culpa da crise financeira internacional é de todo um conjunto armado; é toda uma estrutura de poder. Temos que ver quem armou essa estrutura. Com certeza foram os antigos governos dos Estados Unidos, pós-segunda guerra mundial, que acabaram dominando, se tornando um bloco hegemônico. A partir de então, eles implantaram uma cultura de massa, baseada no capitalismo, que montou toda essa rede, e os demais países seguiram essa lógica. Agora essa crise está formada pela semente que os Estados Unidos plantaram”.

## Orçamento para educação e salário de servidor podem sofrer efeitos da crise

A crise financeira mundial, inicialmente considerada uma “marolinha” pelo presidente Lula, já mostra suas facetas negativas e quem serão os prováveis chamados a pagar a conta do fim da bolha especulativa nos países do capitalismo central. A primeira notícia nesse sentido foi divulgada no dia 22 de outubro pelo Departamento Intersindical de Assessoria Parlamentar (Diap). Segundo o boletim da entidade, o orçamento de 2009 pode ficar sem os R\$ 2 bilhões a mais a partir do fim da DRU (Desvinculação de Receitas da União). A outra notícia, esta ruim para o funcionalismo federal, veio no dia 30 de outubro, em depoimento do ministro da Fazenda, Guido Mantega, aos integrantes da comissão de Assuntos Econômicos do Senado. Mantega disse textualmente: “Conto com os senhores para que não aprovelem mais nenhum aumento de gastos com os servidores e com a previdência”. Diante dos efeitos ruins causados pela declaração, na semana seguinte, setores do próprio governo se apresaram em dizer que Mantega havia sido mal interpretado (*ver matéria logo abaixo*).

Em relação aos recursos oriundos da DRU, existe uma Proposta de Emenda Constitucional (PEC) tramitando no Senado que termina com essa Desvinculação das Receitas da União e incorpora esses valores ao Programa de Desenvolvimento da Educação (PDE). Reivindicação antiga, o fim da DRU havia sido aprovada no mês de julho pelos senadores, mas, mesmo assim, ainda tramitava para receber parecer na comissão de Constituição e Justiça. Foi em meio a esse processo que o governo, através do Ministério do

Planejamento, pediu a suspensão da tramitação. A intenção é segurar a aprovação indefinidamente – ou pelo menos até que venha uma ordem contrária do Governo. A DRU permite que a União use como quiser 20% de impostos e contribuições vinculadas por lei a áreas como saúde e educação. A PEC propõe que a educação saia do alcance da DRU progressivamente, a partir de 2009. Ou seja, a educação ficaria com mais dinheiro. O orçamento do MEC para 2009 de custeio e investimentos é de R\$ 17,3 bilhões.

**SALÁRIO-** Em relação ao salário dos servidores federais, o ministro da Fazenda, Guido Mantega, em depoimento no Senado, disse que o governo tem conseguido manter os gastos com o funcionalismo dentro da normalidade. “Mas esta-

mos em tempos de crise, que não permite nenhuma elevação nas despesas do governo”, afirmou. Ele ressaltou que as despesas com folha dos servidores corresponde atualmente a 4,6% do Produto Interno Bruto (PIB), a soma de todas as riquezas produzidas pelo país. Esse patamar de gastos, assegurou, está abaixo do registrado nos Governos anteriores. “Estamos mantendo as despesas com pessoal e com a Previdência sob controle. Os nossos gastos hoje são perfeitamente administráveis. Por isso, não podemos aumentá-los”, reforçou conforme matéria publicada pelo jornal Correio Braziliense, no último dia 31 de outubro. Essa visão sobre a necessidade de cortar gastos, economizar especialmente com o salário do funcionalismo, é contestada pelo professor do curso de Economia da UFSM, Ricardo Rondinel, conforme matéria abaixo.



Arquivo/SEDUFMS  
Servidores federais podem se unir para evitar cortes no reajuste salarial

## Governo desmente a si mesmo

O jornal *Correio Braziliense* do dia 1º de novembro publicou declarações dos ministros Paulo Bernardo (Planejamento) e José Múcio Monteiro (Relações Institucionais) tentando minimizar os efeitos negativos dos apelos que o colega Guido Mantega, da Fazenda, gerou para o governo ao pedir aos senadores que vetem qualquer tentativa de elevação de gastos públicos com o funcionalismo e a Previdência Social. De acordo com o jornal, o Palácio do Planalto informou que “está mantida a promessa de aprovar as medidas provisórias que reajustam o salário de mais de 350 mil funcionários e criam 2 mil cargos na Polícia Federal”. “O ministro Guido não estava falando das MPs. Ele estava falando de outros projetos. Vamos cumprir o que está no acordo”, afirma o ministro do Planejamento, Paulo Bernardo. “É claro que o governo cumprirá os acordos com os servidores”, diz o ministro de Relações Institucionais, José Múcio Monteiro.

A notícia do *Correio* afirma que apesar da garantia do governo para os reajustes já previstos, “os servidores terão dificuldade para conseguir qualquer outro benefício”. A ordem do Palácio do Planalto, segundo o diário, é evitar a criação de gastos extras, seja por meio da inclusão de emendas nas medidas provisórias em tramitação, seja pela aprovação de projetos de lei de autoria de deputados

e senadores.

**EXPANDIR GASTOS-** Para o professor do departamento de Ciências Econômicas da UFSM e diretor da SEDUFMS, Ricardo Rondinel, não há qualquer justificativa para o governo federal pensar em cortar gastos com o funcionalismo público. Segundo Rondinel, o governo gasta pouco com seus servidores. “O governo Lula, igual ao de FHC, continuou com a política de ‘congelamento de vencimentos’, ou seja, não foram concedidos reajustes lineares. Os gastos com salários comprometem apenas 30% da receita corrente líquida do governo”, explica o economista.

Na análise do professor da UFSM, os reajustes recentemente concedidos para várias categorias, na forma de gratificações, foram uma tentativa de o governo acalmar os ânimos do funcionalismo federal que se preparava para greves em 2009 e 2010 (ano eleitoral). Para Rondinel, o próprio

Lula, um ex-sindicalista, sabe que greves poderiam atrapalhar seus planos de eleger o sucessor em 2010. Analisa ainda o economista que as declarações do Ministro Mantega vêm na contramão do que seria necessário para combater uma crise. “Para combatê-la seria necessário expandir gastos e cortar impostos. Em síntese, dar mais dinheiro à sociedade para que esta gaste mais e assim evitar uma recessão profunda”, constata Ricardo Rondinel.

**“Gastos com salário dos servidores consomem 30% da receita do governo”**

(Ricardo Rondinel, professor da UFSM)